CEE ONE-PAGER

Carga de doenças no Brasil:

tendências e desafios

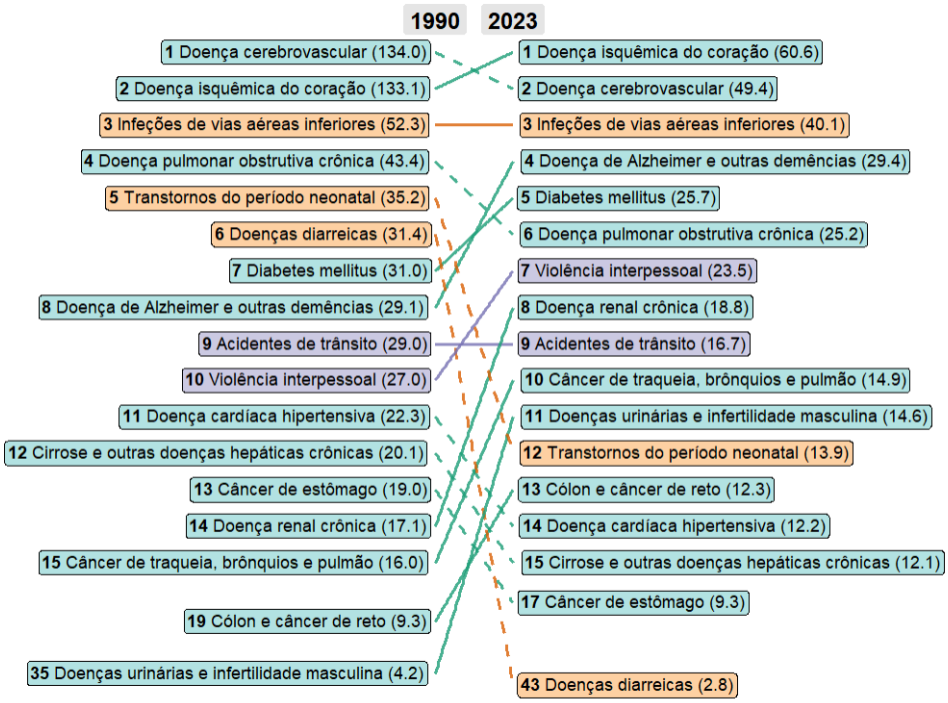
PROBLEMA

Estudo que analisou a carga de doenças do Brasil e das unidades federadas, entre 1990 e 2023, revelou avanços importantes nos indicadores de saúde do país, mas também a persistência de desigualdades intrarregionais e a carga atribuível aos principais fatores de risco. Foram realizadas análises das estimativas utilizando dados do *Global Burden of Disease Study* (GBD) 2023 e os resultados encontrados indicam que é necessário preparo do Sistema Único de Saúde SUS para enfrentar desafios contemporâneos.

CONTEXTO

- Os 35 anos do sistema público de saúde brasileiro foram marcados por conquistas expressivas, como expansão da atenção primária, fortalecimento da Estratégia Saúde da Família, ampliação da assistência farmacêutica, medidas de controle do tabagismo e o sucesso do Programa Nacional de Imunizações, que contribuíram para reduzir a mortalidade e ampliar o acesso da população aos serviços de saúde.
- Ocorreram, também, importantes transições, como a demográfica, com queda da fecundidade, associada ao aumento da expectativa de vida e da população de idosos; a transição nutricional, com redução da desnutrição e aumento do excesso de peso/obesidade; e a transição epidemiológica, com redução (sem extinção) das doenças transmissíveis e a crescente carga de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e violências. Além dessas transformações vividas no Brasil, com efeitos sobre o perfil de adoecimento e mortalidade da população, o advento da pandemia da Covid-19 ampliou os desafios do SUS e os desafios para a saúde.
- No estudo, foram identificados, entre 1990 e 2023, aumento do número absoluto de mortes e, ao mesmo tempo, redução de 34,5% nas taxas padronizadas de mortalidade (medida relativa que calcula o risco ou a frequência de mortes em relação ao tamanho total da população e a um período específico) e de 29,5% nos DALYs (Anos de Vida Ajustados por Incapacidade, medida de saúde pública usada para quantificar a carga global de doenças).
- As doenças crônicas não transmissíveis foram a principal causa de morte em todo o período, entre elas as doenças isquêmicas do coração e cerebrovasculares. Aumentaram as taxas de mortalidade por doença de Alzheimer e outras demências, e persistiram as causas externas, especialmente agressões. Entre as incapacidades, destacaram-se transtornos de ansiedade, dor lombar e transtornos depressivos.
- Os principais fatores de risco atribuíveis à mortalidade foram metabólicos (pressão arterial elevada, glicemia elevada, índice de massa corporal elevado), e comportamentais (riscos dietéticos e tabagismo). Persistiram importantes desigualdades regionais, com menores reduções da mortalidade nas regiões Norte e Nordeste.

FIGURA 1. Ranking das Taxas de mortalidade padronizadas por idade por 100 mil habitantes (em 1990 e 2023 e ambos os sexos). Brasil, 1990 e 2023.



Fonte: Carga Global de Doenças 2023.

RECOMENDAÇÕES

- **Democracia:** entre os aprendizados constatados na pandemia de Covid-19, preservar a democracia, a ciência e as evidências é essencial para melhores resultados em saúde.
- **Promoção à saúde e equidade:** os resultados do estudo reforçam a necessidade de fortalecimento de políticas públicas voltadas à prevenção e promoção da saúde e redução das iniquidades.
- **Regulação:** avançar em políticas regulatórias relacionadas a taxações de tabaco, álcool e ultraprocessados apoiará fortemente o enfrentamento da carga de doenças.

CONCLUSÃO

Observam-se importantes transformações no perfil epidemiológico brasileiro, entre 1990 e 2023, acompanhadas de melhorias relevantes nos indicadores de saúde da população. Apesar dessas mudanças, o Brasil mantém cenário caracterizado pela tripla carga de doenças, com predomínio das DCNT, coexistindo com causas externas e doenças transmissíveis, maternas e infantis.

O país apresentou avanços expressivos nos indicadores de saúde nos últimos 35 anos, mesmo diante do envelhecimento populacional e da crescente carga das DCNT. A expansão do SUS, o fortalecimento da APS, as melhorias socioeconômicas e as políticas públicas de promoção da saúde contribuíram significativamente para esses resultados. Entretanto, persistem importantes desafios relacionados ao enfrentamento das DCNT, da obesidade e dos transtornos mentais, além de haver desigualdades regionais em saúde.

Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho
Coordenação do CEE-Fiocruz: Rômulo Paes de Sousa
Coordenação-adjunta: Alessandro Jatobá
Coordenação de Comunicação: Eliane Bardanachvili
Autoria do texto: Deborah Carvalho Malta (UFMG), pesquisadora convidada do CEE-Fiocruz

Acesse também:
<bit.ly/4gas6GD> e <bit.ly/3SHqRVA>

Saiba mais em:
<cee.fiocruz.br>